



Junto à implantação adequada da Casa de Chá Boa Nova, de Álvaro Siza Vieira, dialogando com a materialidade e técnicas locais, contrapõe-se a obra High-Tech e expressivamente genérica do 30 St Mary Axe, de Norman Foster. Colagem dos autores

remissivos

/// internacionalismo crítico
 /// periferia
 /// regionalismo autêntico

Regionalismo Crítico

estudantes

Igor Mineiro Oliveira
 Vinicius Oliveira de Freitas

glossário de ideias recebidas

Glossários são listas de palavras com explicações chamadas *glosas*, desenvolvidos desde a Antiguidade Clássica e tornados populares a partir da Idade Média, empregados por estudiosos no trabalho de interpretação de textos, apoiando a explicação do sentido de palavras obscuras. Com o tempo os glossários tornaram-se autônomos, com diferentes formas de organização, servindo de apoio à explicação de termos específicos a determinado campo de conhecimento. § Como parte das atividades da disciplina Arquitetura e Urbanismo da Atualidade, solicitou-se aos estudantes a criação de um Glossário como forma de intervenção crítica sobre a produção contemporânea, dada a grande variedade de seus conceitos e a velocidade com a qual eles são apropriados, criticados, esquecidos e supostamente redescobertos. § Busca-se produzir um inventário das ideias em trânsito na produção atual, aproximando-se ainda do conhecido "Dicionário das Ideias Feitas" (*Dictionnaire des Idées Reçues*) de Gustave Flaubert, em que o escritor reuniu e comentou, com perspicácia e muito sarcasmo, um conjunto de jargões, lugares-comuns e ideias socialmente aceitas em seu tempo. § Entende-se que o reconhecimento dos clichês da produção atual pode servir não apenas para estabelecer um juízo crítico como também para promover sua desestabilização e apontar caminhos para novas práticas e alternativas.

atualidades-fauunb.org/glossario

É possível argumentar que o **Regionalismo Crítico** enquanto estratégia cultural seja tanto um portador da *cultura mundial* quanto um veículo da *civilização universal*. [...] A respeito disso, a prática do Regionalismo Crítico depende de um processo de dupla mediação. Em primeiro lugar, deve "desconstruir" o espectro geral da cultura mundial que ele, inevitavelmente, herda; em segundo lugar, deve alcançar, por meio da contradição sintética, uma crítica declarada da civilização universal. [...]

Regionalismo Crítico

Expressões regionais da arquitetura, bem como uma perspectiva regionalista sobre o pensamento da cidade e do território, fizeram-se presentes desde a primeira metade do século XX. No primeiro caso, como expressões da arquitetura moderna vinculadas a trajetórias individuais ou recortes de produções nacionais, produzidas no entreguerras ou no imediato pós-Segunda Guerra (LEFAIVRE e TZONIS, 2003). No segundo caso, como desenvolvimento do pensamento sobre o Planejamento Regional, especialmente a partir das contribuições de Patrick Geddes e Lewis Mumford (MUMFORD, 1970). Ao final do século, no entanto, ocorre um novo adensamento de proposições sobre o regionalismo, impulsionado tanto como reação ao pós-modernismo como em função do contexto mais amplo da globalização.

Ainda que este não seja, igualmente, um fenômeno novo, podendo remontar às navegações e colonizações dos séculos XV-XVI, o termo “globalização” foi difundido a partir dos anos de 1980 para tratar da integração econômica global e da desregulação de economias nacionais. Nesta condição mais recente, a globalização opera como uma expressão recente do sistema capitalista, reforçando de sua hegemonia como modelo de desenvolvimento e organização social. Muito embora tenham sido criados poderosos discursos apologéticos com relação às potencialidades da eliminação de fronteiras, analistas críticos do fenômeno identificaram, ainda nos anos 1990, que a globalização tornou mais evidentes o abismo entre centro e periferia (SANTOS, 2001).

Na interseção destas preocupações, a partir dos anos 1980, emerge e ganha projeção internacional o debate sobre o Regionalismo Crítico, mobilizado por Alexander Tzonis e Liane Lefavre (1981) e, especialmente, Kenneth Frampton (1983; 2003). A análise sobre o sentido dado ao termo exige cuidado, pois não se trata de uma produção vernácula, muito menos artesanal, assim como não deve ser associado a uma atitude nostálgica. Trata-se, antes, de uma questão de adaptação da tecnologia moderna em função das condições do local e de sua cultura. Uma das características dadas por Frampton parece resumir este aspecto central:

[...] Pode-se afirmar que o Regionalismo crítico é regional na medida em que invariavelmente enfatiza certos fatores específicos do lugar, que variam desde a topografia, vista como uma matriz tridimensional à qual estrutura se amolda até o jogo variado da luz local que sobre ela incide. A luz é sempre entendida como o agente básico por intermédio do qual o volume e o valor tectônico da obra são revelados. Uma resposta articulada às condições climáticas é um corolário necessário a tal especificidade. O Regionalismo crítico, portanto, opõe-se à tendência da “civilização universal” de privilegiar o uso do ar condicionado, etc. Tende a tratar todas as aberturas como zonas delicadas de transição com capacidade de reagir às condições específicas impostas pelo lugar, pelo clima e pela luz. (FRAMPTON, 2003, p. 396-397)

Entendemos o regionalismo crítico como a união de um domínio da tecnologia disponível a elementos do território e da cultura local, a exemplo de materiais, processos e técnicas construtivas, clima e topografia, entre outros. Encontra-se certa dificuldade para caracterizá-lo de forma correta, encontrar uma coesão em seu entendimento e evitar polaridades fáceis, por isso devem ser consideradas outras expressões sobre o tema, a exemplo “regionalismo autêntico” (CURTIS, 1986) e do “internacionalismo crítico” (LABORATÓRIO URBANO, 2019, p. 75-76). Seria equivocada, por exemplo, considerar que o regionalismo crítico seja possível apenas em periferias globais, podendo também se desenvolver no centro global. Entendemos, ainda, que para caracterizar-se como regional, ou ganhar singularidade, a questão da tecnologia depende de fatores externos fora da alçada da arquitetura, como de política externa, diplomacia e condições favoráveis para trocas entre diferentes lugares do globo que quase sempre são incomuns na América Latina.

Em *O Interior da História*, a historiadora Marina Waisman (2013) amplia esse debate, tratando-o a partir da tríade Centro/Periferia/Região. Para a autora, uma melhor forma de enquadrar o “regionalismo” seria considerando o modo com que cada localidade se apropria da tecnologia, sem cair em determinismos sobre “progresso” ou “avanço” técnico e científico. Esta leitura busca evitar que a “pauta” dos países centrais seja usada para qualificar a produção do restante do mundo. A partir da autora, entendemos a complexidade das particularidades regionais, o que explica a ocorrência de regiões que conseguem desenvolver características peculiares, mesmo imersas em uma conjuntura em que seria impossível replicar a técnica mais avançada disponível no mundo. Por fim, destaca-se que Waisman traz uma reflexão crítica sobre a condição contemporânea como um todo, em que o domínio da tecnologia avançada serve de parâmetro e legitimador das posições (centrais ou periféricas) e na qual se mantém uma perspectiva ideológica da modernidade.

referências

- CURTIS, William. Towards an authentic regionalism. **MIMAR**, Cingapura, n. 19, p. 24-31, jan./mar. 1986.
- FRAMPTON, Kenneth. Towards a Critical Regionalism: six points for an architecture of resistance. In: FOSTER, Hal (ed.). **The anti-aesthetic: essays on postmodern culture**. Seattle: Bay Press, 1983. p. 16-30.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. [3. reimp.]. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LABORATÓRIO URBANO. Fazer por desvios. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **Nebulosos do Pensamento Urbanístico, tomo II: modos de fazer**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 22-153. [[7](#)]
- LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander. **Critical regionalism: architecture and identity in a globalized world**. Munique; Berlim; Londres; Nova Iorque: Prestel, 2003.
- MUMFORD, Lewis. **The culture of cities**. [ed. reimp.] San Diego; Nova Iorque; Londres: Harvest/ HBJ Books, 1970.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.
- TZONIS, Alexander; LEFAIVRE, Liane. The grid and the pathway: an introduction to the work of Dimitris and Susana Antonakakis. With prolegomena to a history of the culture of modern Greek architecture. **Architecture in Greece**, Atenas, n. 15. p. 167-178, 1981.
- WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.